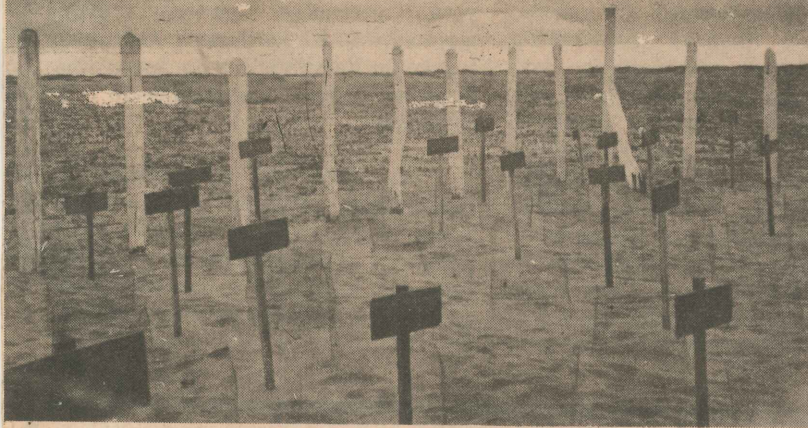
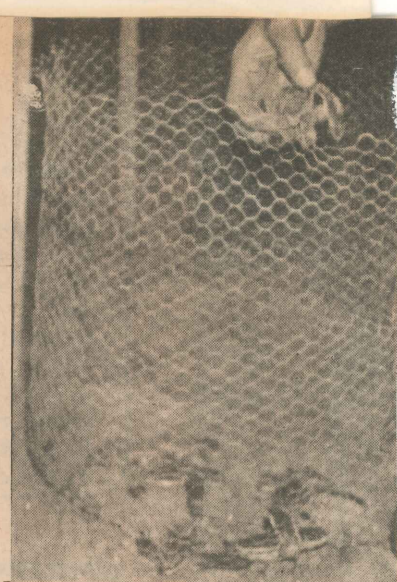


521479



Os ninhos artificiais são marcados com plaquetas e cerca dos



Os filhotes são catalogados

Tartaruga gigante nasce em cativeiro pela primeira vez

Pela primeira vez no país um filhote de tartaruga gigante — a *Dermochelys Coriácea* — nasce em viveiro artificial. Isto aconteceu na reserva biológica de Comboios, na Vila de Regência, em Linhares e, até o momento, é um dos resultados mais importantes do Projeto de Marcação, Proteção e Avaliação Qualitativa e Quantitativa de Tartarugas Marinhas da Reserva, que está sendo desenvolvido desde novembro por biólogos da Secretaria de Saúde, do Instituto de Terras e Cartografia (ITC) e técnicos do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), que coordena o projeto a nível nacional.

A importância deste acontecimento é maior ainda na medida em que se trata de uma espécie em extinção e, praticamente sem nenhum estudo completo sobre seu comportamento, como uma outra, a *Caretta Caretta*, que também está sendo estudada em Regência pelos biólogos. Há suspeita do surgimento de uma terceira espécie, em Povoação, devido ao tipo de rastro na areia, mas não confirmado: a *Eretmochelys Embricata*.

No Brasil existem cinco espécies de tartarugas: a *Chelonia Mydas* (tartaruga verde), já identificada na Ilha da Trindade e Atol das Rocas no litoral do Rio Grande do Norte, a *Lepidochelys Olivácea* (em Sergipe), a *Eretmochelys Embricata* (cujo casco é aproveitado na fabricação de pentes) na Bahia e Sergipe e com possibilidade de ter desovado no Espírito Santo. Aqui no Estado as duas únicas

espécies encontradas foram a *Caretta Caretta* — mais comum e a *Dermochelys Coriácea*, a mais rara e encontrada apenas no Espírito Santo e em extinção.

O trabalho que está sendo desenvolvido em Regência pelos biólogos começou em novembro. Com uma casa alugada na Vila, eles construíram próximo à praia, dois viveiros onde estão atualmente mais de 7 mil ovos preparados para desova — o que ocorre normalmente num prazo de 50 a 60 dias. Este trabalho também é pioneiro a nível de país. Depois de percorrer mais de 34 quilômetros de praia, entre o estuário do Rio Doce e a Barra do Riacho, todos os dias, o grupo, quando descobre um ninho recolhe os ovos e deposita-os nos viveiros.

Por enquanto já nasceram 596 tartarugas, 41 gigantes. No primeiro dia do projeto, 6 de novembro, foram encontrados 22 ninhos na praia, todos eles sem os ovos. Até semana passada já tinham sido encontrados 92 ninhos, 16 de *Dermochelys Coriácea*. Nos dois viveiros os biólogos estão observando o nascimento das tartarugas em 72 ninhos artificiais.

No caso das tartarugas gigantes existem nos dois viveiros oito ninhos (com o nascimento em apenas um deles), e, apesar de terem sido encontrados 15 ninhos na praia, alguns predados, apenas uma tartaruga gigante foi marcada, isto é, encontrada na praia durante a desova e assinalada com um código para posterior estudo e seu destino. Isto será feito com a participação de outras equipes localizadas na Ilha da Trindade e com a colaboração

de órgãos de outros países.

A tartaruga gigante, principal objeto de estudo da equipe de biólogos que se encontra em Regência, às vezes faz um ninho na areia mas não chegam a desovar. Outro comportamento observado é o que se chama "meia lua": a tartaruga sai da água, sobe a areia faz um círculo, e desce. A única *Dermochelys*, adulta, encontrada, pesava em média 700 quilos e media 1,5 metro de uma pata a outra e dois metros de largura.

Da outra espécie, a *Caretta Caretta*, nasceram 555 tartarugas no viveiro e 14 marcadas na praia. Logo no início dos trabalhos foi encontrado um ninho na praia e deixado lá para comparação com o viveiro. Mas, dos 120 ovos apenas 37 vingaram. Este índice baixo, na opinião dos biólogos, deve-se ao fato de ter sido deixado muito tempo em exposição ao sol e outros fatores, como remoções na areia, necessários à pesquisa.

No total foram encontrados 92 ninhos na praia, sendo 16 de tartarugas gigantes. Nos dois viveiros artificiais, protegidos por uma cerca de arame trancados e vigiados por um funcionário contratado para este fim — pioneiros no país — existem atualmente 72 ninhos artificiais, nas mesmas proporções do encontrado na areia próximo ao mar, com uma média de 60 centímetros de profundidade e 30 centímetros de diâmetro. A média de nascimento dos ovos é de 80%, sendo que, por noite, sobe à areia para desovar apenas uma tartaruga. O maior número registrado até o momento foi de cinco.



Os ovos são recolhidos por técnicos e levados para ninhos artificiais



O índice de nascimento é bom

Sucesso faz projeto prosseguir

O Projeto de Marcação, Proteção e Avaliação Qualitativa e Quantitativa de Tartarugas Marinhas da Reserva Biológica de Comboios — desenvolvido em quatro Estados e na Ilha da Trindade, que é coordenado a nível nacional pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), está sendo realizado pela primeira vez e, como o resultado está sendo positivo, deverá prosseguir sempre nesta época do ano, de novembro a março, quando ocorrem as desovas das tartarugas.

No Espírito Santo, os trabalhos foram iniciados no dia 6 de novembro do ano passado, com encerramento previsto para 15 de março. O período de maior desova registrado até o momento pelos biólogos que estão em Regência, Linhares, foi em novembro e, em março deverão ocorrer os últimos nascimentos dos ovos recolhidos aos viveiros, sendo que a desova termina normalmente este mês, enquanto que na Bahia e em Sergipe as outras espécies não estão desovando mais. O Espírito Santo, até o momento, é, também, o Estado onde foi encontrado o maior número de ovos.

RESULTADOS

Antes do projeto ser realizado a

Trabalho é penoso mas compensador

São 34 quilômetros de praia percorridos todas as noites, num jipe do ITC adaptado para andar na areia em busca de ninhos de tartarugas. Da Foz do Rio Doce a Barra do Riacho. De preferência quando a noite está bem escura ou mesmo com chuva, que é quando elas preferem desovar, principalmente com a maré alta, que facilita seu acesso à areia.

O primeiro passo é encontrar as marcas que são em forma de meia lua (as tartarugas saem do mar, sobem a areia, fazem os ninhos e volta por outro lado) e parecidas com marcas de trator. Em seguida os biólogos penetram uma pequena vara na parte mais alta dos ninhos (as tartarugas enterram os ovos e depois tapam com suas nadadeiras), até encontrar os ovos que às vezes chegam a até 100 em cada ninho. Até encontrar os ovos leva-se uma hora.

METODOLOGIA

Quando os ovos são encontrados a equipe de biólogos retira todos eles e os leva para enterrar num ninho artificial nos viveiros, afixando uma placa com o

chance das tartarugas nascerem eram mínimas. Os pescadores, ou os carobeiros (termo originário de Careba, que significa, em linguagem indígena, tartaruga) não deixavam os ovos no ninho, recolhendo-os para sua própria alimentação. Daí, surgiu no início a necessidade de conscientização da população local.

Quando os biólogos chegaram, no primeiro dia encontraram na areia da praia 22 ninhos, mas todos eles vazios. "O trabalho inicial foi conscientizar os pescadores da necessidade de conservar os ovos", explicou a bióloga Maria da Glória Brito, da Secretaria de Saúde que, junto com Edson Valpassos, do Instituto de Terras e Cartografia (ITC) está coordenando o projeto.

Como usavam os ovos de tartaruga na alimentação, os pescadores foram orientados para trocá-los por ovos de galinha, mas isso não chegou a ocorrer pois não houve interesse por parte da população. "Atualmente, entretanto, já estão aceitando mais o trabalho de preservação, inclusive ajudando", acrescentou Maria da Glória Brito, ressaltando que, inicialmente, os pescadores até colocavam obstáculos no trajeto do Jipe para evitar que retirassem os ovos do ninho para preservá-los no viveiro.

número da cova e o total de ovos. As tartarugas começam a nascer dentro de 50 a 60 dias. Na praia também é marcado o quilômetro onde o ninho foi encontrado, para se saber depois a área de maior incidência. Quando se dá sorte de encontrar a tartaruga desovando ela é marcada.

O Projeto de Marcação, Proteção e Avaliação Qualitativa e Quantitativa de Tartarugas Marinhas também é acompanhado por um cinegrafista da Fundação Roberto Marinho, através de um convênio, para elaboração de um documentário, em todos os Estados onde este trabalho vem sendo desenvolvido.

Depois que nascem — no viveiro a percentagem de nascimento é de 80% contra 1 a 2% em condições naturais — são jogadas ao mar, onde a média de sobrevivência é de 50%. Existem duas maneiras de se fazer este lançamento: simplesmente deixar na areia para que as próprias tartarugas caminhem sozinhas até a água ou jogá-las em alto mar, de barco.

A corrente de biólogos que defende a primeira forma, de liberar as tartarugas na areia, acredita que elas caminhando por conta própria até o mar registram a

A primeira parte do projeto consiste de uma marcação das tartarugas para estudos de sua rota migratória, os aspectos de comportamento e a sua proteção através da retirada dos ovos dos ninhos naturais nas praias e transferência para outros, artificiais, nos viveiros. Outro aspecto do trabalho é a avaliação qualitativa e quantitativa para ver a importância da praia como desova. Depois que as tartarugas são marcadas com uma plaqueta poderão ser identificadas em qualquer outra parte do mundo, por entidades ligadas à preservação do meio ambiente.

Nesta primeira fase os biólogos chegaram à conclusão de que existem duas espécies que desovam naquela praia: a *Dermochelys Coriácea* e a *Caretta Caretta* e mais ainda, que se trata de um local importante para a desova e o IBDF pretende incluí-la na categoria de Refúgio de Fauna Silvestre, que está para ser criada.

Outro resultado foi a confirmação do período de desova, que vai do mês de outubro até janeiro, sendo que a maior incidência ocorre em novembro. Mas, conforme ressaltou Maria da Glória Brito, os resultados concretos só aparecerão daqui a oito ou dez anos, quando as tartarugas atingirão sua maturidade sexual e voltarão à praia para desovar.

praia onde nasceram para depois voltarem ao mesmo local para desovar, quando adultas. Quem defende a outra idéia acha que as tartarugas devem ser lançadas em alto mar, para livrá-las de predadores naturais (peixes, gaiotas, caranguejos e outros crustáceos). No trabalho realizado na praia de Regência vêm sendo utilizados os dois métodos.

Após o nascimento das primeiras *Dermochelys Coriácea*, na semana passada, por exemplo, foram utilizadas estas formas. Dos 41 filhotes 20 foram liberados na areia da praia. O restante em alto mar. Para este trabalho os biólogos utilizam um barco alugado, de pescadores da região e, passando pelo estuário do Rio Doce, jogam as tartarugas no mar, uma distância da outra, para melhor chance de sobrevivência.

O biólogo Edson Valpasso, que acompanhou todo esse processo, é um dos que pessoalmente defendem esta maneira de devolver as tartarugas ao mar, ressaltando que desta forma a chance de sobrevivência é muito maior. Isto porque naquela região existem muitos peixes, como cação, robalo, merro e pescadas. Longe desses peixes a média de sobrevivência chega até 14%.